

A – REQUERIMENTO INICIAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

* Campos de preenchimento obrigatório

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Património Arquitetónico: Património Arqueológico Património Misto

1.2 Designação/Nome: Casa de S. Bernardo

1.3 Outras Designações:

1.4 Local/Endereço: Avenida Rei Humberto II de Itália, nº 235

Localidade: Cascais

Freguesia: União das freguesias de Cascais e Estoril

Concelho: Cascais

Distrito: Lisboa

1.5 Código Nacional de Sítio (CNS): _____(No caso de se tratar de património arqueológico)

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Função Original: habitação – Casa de Veraneio

2.2 Função Atual: Sede da Marcascais – Sociedade Concessionária da Marina de Cascais S.A

2.3 Enquadramento: Urbano

A *Casa de S. Bernardo*, também apelidada de *Casa Conde de Arnoso*, a exemplo de muitas casas de veraneio de Cascais, está implantada numa zona privilegiada, junto à ponta de S. Marta que margina a foz da Ribeira dos Mochos, em frente ao mar, de costa rochosa e recortada. Em virtude desta localização estratégica, logo no século XVII se ergueu uma linha de mosquetaria que ligava à Cidadela de Cascais. Este sistema manteve-se até ao início do século XIX e está, atualmente, quase desaparecido, observando-se apenas um pequeno troço, com guarita,

junto ao muro a Sudeste da Casa de S. Bernardo.

A casa manifesta clara influência da designada “casa portuguesa”, pelos telhados de quatro águas, as janelas de peitoril com floreiras, os azulejos, as carismáticas escadarias alpendradas (figs. 1 e 2) e, tinha na época da sua construção, em 1893, como envolventes a Cidadela de Cascais e a Ribeira dos Mochos (figs. 3 e 4), o Forte e a Praia de Santa Marta (fig. 5) e a Estrada da Boca do Inferno.

Trata-se de uma moradia emblemática da Vila de Cascais, de finais do século XIX, localizada nos terrenos entre a Cidadela de Cascais e a estrada que conduzia à Boca do Inferno e foi a casa de veraneio da família de Bernardo Pinheiro Correia de Melo¹, primeiro Conde de Arnoso², engenheiro, diplomata e escritor³ e grande amigo do rei D. Carlos de quem foi secretário particular.

Estes terrenos tinham sido concedidos pelo Ministério da Guerra à Camara Municipal de Cascais em 25 de janeiro de 1874, para ajardinamento. A vereação deliberou, no entanto, prescindir do seu direito de modo que pudessem ser transacionados, remetendo os requerimentos ao Ministério da Guerra, pelo que, foram definidas três parcelas, uma das quais para a construção da casa de S. Bernardo.

A entrada principal situa-se na Avenida Rei Humberto II de Itália. O lote é limitado a Nordeste e Sudeste pela Marina de Cascais a Noroeste pela Av. Rei Humberto II de Itália e, a Sul e a Sudoeste, pela enseada de Santa Marta.

O seu enquadramento arquitetónico faz-se a Sul com a Casa de Santa Maria (fig.6), classificada como monumento de interesse público (MIP), e com cinco imóveis classificados como de interesse municipal, nomeadamente: a Nordeste com a Cidadela de Cascais, datada de 1640 (fig.7); a Norte com o Centro Cultural de Cascais (antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade (fig. 8)); a Sudeste com o Forte de Santa Marta (restos) e a Oeste com a Torre de S. Sebastião, atual Museu Condes de Castro Guimarães, datada de 1900

¹ Bernardo Pinheiro Correia de Melo, primeiro Conde de Arnoso nasceu em Guimarães em 27 de maio de 1855 e faleceu em S. Tiago da Cruz, Vila Nova de Famalicão, em 21 de maio de 1911. Era filho do vimaranense 1.º Visconde de Pindela, João Pinheiro Machado Lobo da Figueira Correia de Melo e Almada e de sua segunda mulher, Eulália Estelita de Freitas Rangel Quadros. Casou duas vezes, a 1.ª em 1877, em Lisboa, com D. Maria José de Mello Abreu Soares Vasconcelos Brito Barbosa e Palha, filha secundogénita dos 3.ªs. Condes de Murça – D. José de Melo Abreu Soares de Vasconcelos Brito Barbosa e Palha e, de sua mulher, D. Ana de Sousa Coutinho Montelro Paym e a 2.ª, em Lisboa, a 28 de Maio de 1890, com D. Matilde Munró dos Anjos, filha do Conselheiro Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos – Par-do-Reino, capitalista e comerciante e, de sua mulher D. Alice Munró, de origem irlandesa.

Foi escritor, com relevo na época, secretário pessoal do rei D. Carlos, fidalgo da Casa Real, general do Exército, tendo sido ainda membro do grupo “Vencidos da Vida”. Foi encarregue de missões diplomáticas, nomeadamente integrando a Embaixada Extraordinária à Corte Imperial de Pequim, para a assinatura do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português, datado de 1 de dezembro de 1887, confirmando a tutela portuguesa de Macau.

² Bernardo Pinheiro Correia de Melo, foi agraciado pelo Rei D. Carlos com o título de 1.º Conde de Arnoso por decreto, em 28 de setembro de 1895. Foi amigo íntimo e fiel do rei D. Carlos, e frequentador assíduo da Casa Real. In: NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL, Lisboa: Edições Zairol, Lda, 2000, 3 vols.- vol.2, pp.319 e 321.

³ A sua atividade literária, além de pouco extensa, reflete o espírito um tanto dilettante do autor e inspira-se, em parte, nas longas e abundantes viagens que empreendeu; privilegiou o teatro, o relato de viagens e o conto, tendo este último género narrativo merecido amigáveis e generosos comentários por parte de Eça de Queirós, tendo usado o pseudónimo literário “Bernardo Pindela”.

Contemporâneo e amigo de alguns dos vultos mais destacados da geração de 70, participou com vários deles (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, entre outros,) no grupo dos «Vencidos da Vida». Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. II, Lisboa, 1990

(fig.9)⁴.

Esta casa integra um dos “estilos” da arquitetura de veraneio da época em Cascais, pelo que se afigura como um elemento fundamental para o estudo e interpretação da arquitetura cascalense de finais do século XIX e primeiras décadas do século passado.

A casa reflete a apetência pelos elementos e valores da “casa tradicional portuguesa”, preconizados pelo Arquiteto Raúl Lino (1879-1974), em oposição ao conjunto de “ecletismos estrangeirados” e do modernismo emergente⁵, em voga na época, que se observam, entre outros, na Casa Palmela (1870-1900) (figs.10 e 10-A), no *Chalet Leitão* (1986), (fig.11), na Casa dos Marquesses do Faial (1896) na Casa Trindade Baptista (1899) (fig.12) e na Casa Sommer (1890-1900), (fig. 13).

2.4 Descrição Geral:

O gosto e a predileção pelos banhos de mar e a escolha da Cidadela de Cascais pelo Rei D. Luís para residência de veraneio da família Real, em 1870, foi seguido pela corte, também ela desejosa de apreciar a beleza da paisagem, do clima ameno e da excelência das suas praias. A partir de então, a pequena vila de pescadores “enobrecesse” e no início do outono de todos os anos torna-se a verdadeira *Vila da Corte*. Cascais saiu, deste modo, “(...) da obscuridade e do seu bucolismo de aldeia de pescadores pelo influxo de El-Rei D. Luís. A nobreza não tardou a segui-lo na formosa baía que domina a barra de Lisboa”⁶. À vinda da alta aristocracia seguiu-se a alta finança, a burguesia recém enriquecida e/ou recém nobilitada, pelos elegantes “(...) e pelos *snobs* de então. Cascais usufruía de ano para ano dos benefícios que advinham de ser a praia escolhida pela corte”⁷.

Em virtude da escassez de alojamentos com condições de conforto ansiados pelos veraneantes que demandavam para Cascais, assistiu-se, sobretudo a partir do início da década de 70 de Oitocentos à construção de inúmeras habitações, como consta pela consulta dos requerimentos enviados à Câmara na época.

Em 1869, José Jorge de Andrade Torresão inicia a edificação da sua propriedade no morro junto ao Forte de S. Roque, sobranceiro ao mar que, segundo Ferreira de Andrade, será o primeiro arranque para a construção de muitas moradias em Cascais. Mas será, sobretudo, a partir de 1870 com a vinda da corte para a Cidadela, que verdadeiramente se inicia a edificação das designadas “casas de veraneio”. São palacetes, moradias e chalets, entre as quais se destacam

⁴ O seu enquadramento urbano, isolado, está implantado em terrenos da antiga Cidadela de Cascais (v. PT031105030006), sobre uma pequena enseada que serve a Casa de Santa Maria (v.PT031105030145) e o Palácio dos Codes de Castro Guimarães (PT031105030024). Encontra-se rodeada de rochedos, pinheiros e palmeiras, tendo no lado Sudoeste, um edifício onde funciona(ou) um bar.

In: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Casa dos Condes de Arnoso/Casa de São Bernardo, Portugal, Lisboa, Cascais, União das freguesias de Cascais e Estoril.

⁵ Cf: SILVA, Raquel Henriques da - *Arquitetura de veraneio: Cascais*. Cascais: Câmara Municipal, 2010, pp. 38 e 43

⁶ COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria (2013) - *Memórias da Linha de Cascais*. [s. l.]: Câmara Municipal de Cascais/Câmara Municipal de Oeiras. Edição fac-similada, p.338.

⁷ Cascais - *Vila da Corte. Oito séculos de História*. Ferreira de Andrade, CMC 1990, p. 307

os dos duques de Palmela e do Duque de Loulé (fig.14), ou das casas do Visconde da Gandarinha.

Inseridas em menores ou maiores espaços verdes, estas casas, quer moradias, quer *chalets*, são habitações temporárias e seguem vários modelos de diferentes "rivieras europeias", nomeadamente ingleses e franceses, mas também suíços e "italianizantes". No entanto, o "Chalet irá manter ainda uma ligação aos valores tradicionais de arquitetura portuguesa, reutilizando e recriando materiais como o ferro, a cantaria e a azulejaria. No imaginário dessa arquitetura, persiste a torre como símbolo medievo, a partir da qual se desenvolvem todos os corpos com beirados e alpendres, cheios de vãos numa perspetiva de completa abertura à luz. As casas do Conde de Arnoso, de Santa Maria, a Casa Seixas ou a Vivenda de Santa Maria, na Vila são alguns dos exemplos do gosto português⁸ (fig.15).

A Casa de S. Bernardo, está edificada em terrenos outrora propriedade do Ministério da Guerra, dependentes da Cidadela de Cascais, junto à foz da Ribeira dos Mochos. Situa-se num excelente enquadramento urbanístico, virada para o mar, próxima da Cidadela de Cascais - baluarte da defesa de Cascais e da Barra de Lisboa desde o século XVI - e de um conjunto de habitações integradas na arquitetura de veraneio, nomeadamente a Torre de S. Sebastião, que seguiu diferentes modelos construtivos e decorativos estrangeiros, nomeadamente franceses, ingleses e suíços.

A estes se contrapõe o gosto português das Casa de Santa Maria e de S. Bernardo, que manifestam a permanência da "casa portuguesa" segundo o modelo difundido por Raúl Lino. A Casa de S. Bernardo foi projetada pelo seu proprietário, Conde de Arnoso, em 1893, que logo a designou por "casa minhota" certamente como reminiscências da sua região natal, pois nasceu em Guimarães em 1855. Esta moradia é considerada a primeira casa de "estilo português" a ser construída em Cascais. Aqui se observam o fracionamento dos seus corpos, os telhados com beirados, apoiados em colunas, os pequenos vãos, os telhados de quatro águas, os registos de azulejos e os tão característicos alpendres minhotos.

A sua arquitetura remete-nos para duas outras moradias construídas em Cascais, anos depois: a Casa de Santa Maria (1902), (vide fig. 6) e da Vila D. Pedro habitualmente conhecida também por Casa Maria Amália de Carvalho (fig.16), mandada construir pelos Duques de Palmela que a ofereceram à escritora para residência de veraneio, como agradecimento do seu trabalho sobre a vida de Pedro de Sousa e Holstein, 1º Duque de Palmela.

Das características essenciais desta arquitetura de veraneio, de gosto nacional, realçam-se ainda os corpos fracionados, os telhados diferenciados de quatro águas de madeira revestida de telha, mansardas de três águas, escadarias exteriores de pedra maciça, varandas alpendradas, vãos de linhas direitas e molduras simples em cantaria e janelas de peitoril, ladeadas em baixo por vaseiras. As fachadas rebocadas são, quase invariavelmente, pintadas de branco rematadas por friso amarelado e a aplicação de frisos de azulejos de padrão geométrico e/ou os painéis azul e branco, à maneira das produções nacionais dos séculos XVII e XVIII.

⁸ Arquitetura Civil, In: Catálogo da Exposição Património de Cascais, Cascais 2003, Câmara Municipal de Cascais, p. 83

Inserida na arquitetura revivalista e de gosto eclético de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, a Casa de S. Bernardo, reflete não só a predileção dos seus proprietários, mas sobretudo, o gosto da época, características que importa estudar e preservar. Esta tipologia marca também indelevelmente a evolução urbanística de Cascais e assume-se como um repositório das “modas” e vivências da época, sem paralelo a nível nacional, numa época em que esta Vila começa a assumir-se como uma estância de veraneio cosmopolita e de renome internacional.

2.5 Estado de Conservação:

	MB	B	R	M	R
Paredes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pavimentos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coberturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros (<u>Exterior</u>)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

MB – Muito Bom; B – Bom; R – Razoável; M – Mau; R – Ruína

2.6 Espólio:

2.7 Depositário do espólio/materiais:

3. SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE (obrigatório apenas quando o proponente for o proprietário)

3.1 Proprietário: Marcascais – Sociedade Concessionária da Marina de Cascais, S.A.

Endereço: Av. Rei Humberto II de Itália, vivenda de S. Bernardo, nº 235
2750-800 Cascais

3.2 Artigo Matricial:

4. OBSERVAÇÕES

Pretende-se a classificação da Casa de S. Bernardo, datada de finais do século XIX e inícios do século XX, como Monumento de Interesse Municipal, de forma a valorizar o imóvel e salvaguardar a memória do local.

4.1 Intervenções previstas: O edifício teve obras de conservação em finais de 2023, nomeadamente a substituição das janelas de madeira por idênticas em PVC (semelhando às antigas janelas de guilhotina).

4.2 Pessoas/entidades que possam dar informações: Dr. José António Proença, Divisão de Arquivos e Património Histórico – Contacto: 21 481 43 45

4.3 Restrições à divulgação da informação: Não

5. OUTRAS PROTECÇÕES (caso existam)

5.1 Classificação: _____

5.2 ZEP Cidadela de Cascais/Palácio Condes de Castro Guimarães/Marégrafo de Cascais/Casa de Santa Maria, incluindo jardim/ Forte de Santa Marta. Portaria nº 283/2014.⁹

5.3 Instrumentos de gestão territorial (Dec.-Lei n.º 380/99, de 22 de setembro, alterado e republicado pelo Dec.-Lei n.º 310/03, de 10 de Dezembro).

6. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-ARTÍSTICA

6.1 Época(s) construtiva(s): Finais do século XIX e início do século XX.

6.2 Síntese histórica

A Casa de S. Bernardo foi projetada e mandada construir pelo seu proprietário, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, primeiro Conde de Arnozo (fig.17), engenheiro de profissão ¹⁰ e secretário particular do Rei D. Carlos.

É considerada a primeira casa de “estilo português”, a ser construída na Vila de Cascais e insere-se no surto de modernização da Vila de Cascais, que passou a usufruir dos benefícios que lhe advinham da escolha do rei D. Luís ao eleger a Cidadela de Cascais, para residência de verão da família real.

A moda “dos banhos de mar” atrai, desde logo, a alta aristocracia, seguida por numerosas famílias de Lisboa que escolheram Cascais para as suas férias.

Se inicialmente muitas famílias nobres e “elegantes” da época alugavam casas, rapidamente avançarão para a construção de moradias, vilas e chalés. Este surto de reparação, reconstrução e edificação de novas habitações “muito se deve à fácil comunicação entre Lisboa, Cascais e Sintra e originou a moda de vir tomar banhos a esta praia”¹¹ (figs.18, 19, 20 e 20-A), tornando esta Vila na primeira estância de turismo do país¹².

⁹ A Casa de S. Bernardo está incluída na Zona Especial de Proteção Conjunta da Cidadela de Cascais (v. IPA.00006052), Fortaleza de Nossa Senhora da Luz e Torre Fortificada de Cascais (v. IPA.00006026), Forte de Santa Marta (v. IPA.00006053), Palácio dos Condes de Castro Guimarães (v. IPA.00006066), Marégrafo de Cascais (v. IPA.00006055) Casa de Santa Maria (v. IPA.00022905) e Jardim da Casa de Santa Maria (v. IPA.00030557) / Incluído na Área de Direito Público Marítimo / Incluído na Área Protegida de Sintra - Cascais (v. PT031111050264)

¹⁰ O 1º Conde de Arnozo, cursou matemática na Universidade de Coimbra e o Curso de engenharia militar na Escola do Exército.

¹¹ Cunha Leal, In: Diário de Notícias, 14 de outubro de 1898).

¹² Monografia de Cascais, 1969, cap. XXV, “O Desenvolvimento turístico do Concelho de Cascais”, possibilidade de um debate inovador”. SILVA, Raquel Henriques

Incluída neste surto construtivo de finais de Oitocentos, perto da Cidadela e junto à estrada da Boca do Inferno, a 5 de outubro de 1893, o Conde de Arnoso, requereu a construção de uma casa de habitação em terrenos concedidos pelo Ministério da Guerra, a designada casa de S. Bernardo¹³ (figs. 21 e 22). Terá sido para estar mais perto do monarca (D. Carlos), durante as estadias da família Real em Cascais (fig. 23) que o Conde de Arnoso mandou construir esta casa de verão, junto ao mar e ao Palácio da Cidadela. O edifício foi projetado em 1890, mas não foi concluído antes de 1902. A habitação seria, depois, ampliada em 1908¹⁴ (figs. 24 e 25), com o acrescento de um corpo quadrangular a noroeste, passando este a ser a entrada principal da moradia.

A casa denota a influência da "casa portuguesa". A esse respeito, elucida-nos Raquel Henriques da Silva que "introduziu-se, portanto, em cascais a questão da *casa portuguesa*, exatamente nos anos de mais acesa polémica. Perante as solicitações do rústico inglês, dos renascimentos francês e italiano, das vulgaridades do *chalet* suíço ou dos jogos dos materiais, urgia encontrar o espírito português."¹⁵

Ramalho Ortigão admirava e apreciava a arquitetura da Casa de S. Bernardo precisamente pelos seus valores decorativos e exteriores do portuguesismo que considerava uma defesa contra as importações às quais apelidava de "exotismo compósito", "nódoa e vexame da paisagem portuguesa dos arredores de Lisboa, e mesmo de "híbrida confusão alucinada".¹⁶

Esta casa afigura-se, deste modo, como "uma experiência precoce, baseada no princípio comum dos revivalismos da época. De composição rigorosa, com um rés do chão de arcadas, um primeiro andar com alpendrados e janelas de ângulo numa evidente eficácia de captação da luz não teve o poder de sugestão que a sua qualidade merecia".¹⁷

Os seus valores arquitetónicos foram adotados, anos depois, na construção de duas moradias em Cascais, já referidas: a Casa de Santa Maria de 1902, desenhada por Raúl Lino com as arcarias em semicírculo, a varanda alpendrada, com cobertura de telha sustentada por pequenas colunas e o telhado de quatro águas (fig. 6) e o *Chalet* de D. Maria Amélia Vaz de Carvalho de 1903¹⁸ (fig. 16), com cantaria em pedra, varandas alpendradas com cobertura telhada sustentada por pequenas colunas, desenhos dos vãos com molduras calcárias, janelas

¹³ Processo de obra particular para construção de casa, constituído por requerimento e planta. AHMC/AADL-CMC/L-E/001-003/634 [5 de outubro de 1893]

¹⁴ Na memória descritiva do processo de ampliação da Casa de S. Bernardo, faz-se referência que: "A obra que se pretende realizar será feita em harmonia com o regulamento de salubridade de edificações urbanas, tanto no que diz respeito a materiais como pela forma e dimensões que o projecto indica (...). As alturas da fachada e do andar são respetivamente: fachada 5,00 m e andar 3,50 m". Processo de obra particular para ampliação de casa, constituído por requerimento e planta. AHMC/AADL-CMC/L-E/001-003/1169 [15 de Janeiro de 1908]

¹⁵ No entanto a autora lamenta "(...) que a dinâmica utilização dos elementos formais da arquitetura tradicional tenha sido entendida apenas na sua vertente ornamental, comprometendo assim as possibilidades de um debate inovador". SILVA, Raquel Henriques da, *Cidades e Vilas de Portugal*, Lisboa. Editorial Presença, 1988, p.74

¹⁶ Ortigão, Ramalho, *O Culto da Arte em Portugal*, 1896, p. 32

¹⁷ BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970 - Sociedade. Arquitetura e Urbanismo*, Lisboa. Vol. I, Universidade Nova de Lisboa, 2003

¹⁸ A casa foi mandada construir pelos terceiros Duques de Palmela para a oferecerem à escritora, autora da biografia do primeiro Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein. FALCÃO, Pedro, *Cascais Menino*, Tipografia Cardim. 1981, Vol. III, p. 463

de guilhotina, e organização fracionada dos telhados, dinamizados pelas águas furtadas.

No terraço da casa do Conde Arnoso, observam-se três painéis de azulejos com lindas pinturas de D. Carlos I (figs. 26, 27 e 28), que foi também o autor dos desenhos da “loíça” mandada fazer pelo Conde de Sabugosa na Vista Alegre, que a ofereceu à família Arnoso, pois era casado com uma irmã da Condessa de Arnoso. A fotografia do prato (fig.29) mostra o desenho da casa e o ângulo escolhido por El-Rei para desenhar¹⁹, uma vez que o monarca aproveitava a pacatez da varanda da casa de S. Bernardo também para aquarelar e desenhar alguns objetos como abat-jours e pratos de loiça, que depois, oferecia ao dono da casa, como os pratos, atrás referidos, oferecidos ao Conde de Arnoso. A esse respeito, na obra “Cascais Menino” publica-se uma imagem, tirada em junho de 1894, de “El-Rei D. Carlos, grande amigo do Conde de Arnoso, sentado no terraço da casa”²⁰ (fig. 30).

Aqui encontrava refúgio, por períodos mais ou menos prolongados, Eça de Queirós, a convite do seu amigo Conde de Arnoso, que era grande admirador do escritor²¹. Frequentavam a Casa de S. Bernardo outros elementos do grupo dos “Vencidos da Vida”²² (fig.31), Grupo a que pertencia também o Conde de Arnoso – e o rei D. Carlos que se considerava a si próprio como um *Vencido* e que, por vezes, “vinha jantar”.

A casa assumiu-se como um marco da arquitetura de Veraneio em Cascais, continuando a ser apreciada pois ainda em 1970, Pedro Falcão, na sua obra “Cascais Menino” refere que a “interessante casa de S. Bernardo construída entre a Cidadela e a enseada de S. Marta (...) é uma bela moradia caracteristicamente portuguesa e goza duma invejável vista de Mar”²³ (fig. 32).

No vértice de duas fachadas do imóvel, Sul e Sudeste, está instalado um relógio vertical de sol, em pedra calcária, onde se inscreve, inferiormente, a data de “1894” (figs. 33 e 33-A), indicando, certamente, que a sua instalação ocorreu na data construção da Casa de S. Bernardo, iniciada um ano antes.²⁴

¹⁹ Ibidem, p. 505.

²⁰ Ibidem, p. 504

²¹ Em carta a Emília Queirós, após a morte do escritor em 16 de agosto de 1900, o Conde de Arnoso, inconsolável, dizia-lhe “Aqui nesta casa de que tanto ele gostava, tudo me recorda, o querido José Maria. Não há cadeira, não há lugar em que eu não [o ?] veja. Matos, A. Campos (1993), Dicionário de Eça de Queiroz, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, p. 616

²² Alguns elementos do grupo “Vencidos da Vida” tinham casa em Cascais. O Grupo, constituído à volta de Ramalho Ortigão e de Eça de Queiroz, era formado por personalidades intelectuais com fortes ligações à chamada Geração de 70, cujos membros gozavam de uma enorme curiosidade artística, independência de ideias e uma tolerância a qualquer crença. O Grupo pretendia explicar o seu desapontamento e desânimo em relação ao rumo da sociedade portuguesa. Desanimados com a situação política portuguesa, passaram a reunir-se, semanalmente, à mesa do Café Tavares e do Hotel Bragança, em Lisboa, ou em casa do Conde de Arnoso, na Rua S. Domingos, à Lapa, para jantares e tertúlias, para discutirem também matérias relacionadas com literatura, a cultura e a sociedade do país. O grupo granjeou notoriedade pública devido à craveira intelectual e às genealogias aristocráticas dos seus membros. Para além de Ramalho Ortigão e de Eça de Queirós, integravam o grupo Carlos Lobo d’Ávila, Guerra Junqueiro, António Cândido, Oliveira Martins, Luís Augusto Pinto de Soveral, 1º marquês de Soveral, Francisco Manuel de Melo Breyner, 4º conde de Ficalho, Carlos Lima Mayer, Carlos Lobo d’Ávila, António Maria Vasco de Melo Silva César e Meneses, 9º conde de Sabugosa, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, Conde de Arnoso e o próprio rei D. Carlos.

²³ FALCÃO, Pedro, Cascais Menino, Tipografia Cardim. 1981, Vol. III, p. 503.

²⁴ O relógio de sol, apresenta linhas direitas que indicam as horas em numeração decimal a partir do ponteiro metálico – ou gnómon- que marca a altura do sol pela direção da sombra

7. CARACTERIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA

Diz-nos Ramalho Ortigão que a casa do Conde de Arnoso “com o seu pequeno eirado sobre uma arcaria de meio ponto, a sua porta de alpendre num patamar de escada exterior, ao lado do retábulo em azulejo do santo padroeiro da família, as janelas-de-peito guarnecidas de rótulas entre cachorros de pedra, destinados às varas do estendal, e servindo de mísula aos vasos de craveiros e de manjericos, em frente do poço de roldana, no mais doce e tranquilo sorriso de outrora”²⁵, de onde se veem, segundo Ferreira de Andrade, “na varanda voltada para o mar, azulejos representando “caíques”, executados sobre um cartão de El-Rei D. Carlos”²⁶.

Na estrada para a boca do Inferno, do lado esquerdo, “(...) fica a célebre casa minhota que pertenceu ao conde de Arnoso, e que se tornou notável em Cascais pelo seu estilo sóbrio e português. Casa de alpendre, de retábulos de azulejos, adornada com cachorros de pedra. Em redor do pequeno jardim aparecem os acompanhantes familiares da casa portuguesa – o poço de roldana o espigueiro, os alegretes no espigueiro oculta-se a casa do cão. Nos alegretes crescem flores rústicas.”²⁷ (fig.34).

A casa desenvolve-se por 2 pisos: piso térreo e 1º andar. Apresenta planta em “L” invertido, irregular e disposto horizontalmente, telhados diferenciados de quatro águas com fachadas rebocadas e pintadas de branco, rematadas por friso amarelo e beiradas simples. Os vãos de linhas direitas e molduras simples em cantaria, prolongam-se, inferiormente, ladeados por vaseiras. Fachada principal virada a Noroeste, com quatro janelas jacentes marcando o piso inferior a que se sobrepõem quatro janelas de peitoril e, sobre a cobertura, chaminé de forma retangular ao alto (fig. 35). Esta fachada é marcada por mansarda de linhas retas, com telhados de duas águas e janela de peitoril, de verga reta. Entre as janelas insere-se, ao centro, um painel de azulejos azul e branco representando duas embarcações com velas, naus (?) (fig. 36). Na face virada a Sudoeste apresenta duas janelas jacentes no piso inferior e duas, de peitoril, no piso superior e, do lado direito, dispõe-se um painel de azulejos “azul e branco” representando “Santa Mathilde” (fig. 37).

A fachada mais a Noroeste, onde se situa a entrada principal, apresenta escadaria maciça de guarda plena, que dá acesso ao piso superior, através de porta protegida por alpendre sustentado por dois colunelos toscanos, com cobertura de madeira, revestida a telha, de três águas, ladeada por duas janelas de peitoril (fig. 38). Por baixo do alpendre e por cima da porta com gelsias, inserem-se dois pequenos painéis de azulejos de forma oval, representado S. Francisco de Borja (padroeiro de Portugal contra os terramotos) e S. João Baptista (fig. 39).

A fachada a Sudoeste apresenta idêntica escadaria, porta e alpendre, ladeados por janelas de peitoril (fig.40). Do lado direito da porta insere-se um painel de azulejos monocromos em azul, sobre fundo branco, representado S. Bernardo

²⁵ ORTIGÃO, Ramalho, *Praias de Portugal*, in *Guia de Portugal*, Lisboa e arredores. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 620.

²⁶ ANDRADE, Ferreira de (1964) - *Cascais, Vila de Corte: Oito Séculos de História*. Cascais: Câmara Municipal, p. 308

²⁷ COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria (1999) - *Memórias da Linha de Cascais*. [s. l.]: Câmara Municipal de Cascais/Câmara Municipal de Oeiras. Edição fac-similada, p. 346

(fig. 41) e, por cima da porta, um pequeno painel de forma retangular, com um coração encimado por chamas e uma cruz por cima do qual se pode ler a inscrição "O coração de Jesus está comigo" e, por baixo, a frase "Venha a Nos o Vosso Reino, 100 dias de indulgencia. Pio IX 14 de julho de 1877" (fig. 42).

Fachada posterior a Sudeste, marcada por um grande corpo central, saliente, com seis arcadas em semicírculo e duas laterais, sobre a qual se dispõe uma varanda alpendrada, sustentada por cinco colunas toscanas. Este corpo é ladeado, no primeiro piso, no lado esquerdo, por uma porta de verga reta e, no piso superior, duas janelas de peitoril e uma de sacada no extremo direito, com guarda metálica e portadas de madeira. Sobre a cobertura observam-se três chaminés de remate piramidal. Entre cada uma das janelas dispõe-se um painel de azulejos azul e branco, com uma embarcação à vela, representando um caíque (figs. 43 e 44). No ângulo do piso superior desta fachada (Sudeste), com o Nordeste, insere-se um busto de figura mitológica, em pedra, com uma aparência assustadora, de rosto severo, barbas retorcidas, olhos encovados e cabelos crespos que, julgamos, tratar-se da figura do "Adamastor", uma força da natureza associada às tempestades marítimas que assustava os marinheiros portugueses nas suas viagens pelo mar alto (fig. 45).

A Nordeste observam-se, do lado esquerdo, três janelas de peitoril e de guilhotina, duas delas de maiores dimensões, ladeadas, inferiormente, por vaseiras e, do lado direito, dispõem-se três janelas iguais a estas últimas (fig.46).

A moradia é rodeada por empedrado e espaço ajardinado com palmeiras e cedros, alguns de grande porte (fig. 47), com dois bancos (um deles encostado a um muro rebocado) e uma mesa todos em pedra, de forma retangular (fig. 48), observando-se, ainda, a Sudeste vestígios da antiga linha defensiva que ligava à Cidadela e uma guarita (fig. 49).

O acesso ao interior do imóvel é feito através de uma pequena escadaria exterior, com patamar encimado por alpendre de telhado de três águas, assente em duas colunas toscanas (fig.50), com ligação direta a um vestíbulo, apresentado no lado esquerdo uma estrutura vazada em madeira, desenhando um "x" e um "+" (fig.51).

Este espaço apresenta na frente, porta com caixilho de vidrinhos e bandeira de duas ordens de vidros. Esta porta (fig.52), dá acesso a um corredor que distribui, no lado esquerdo, para a receção e para uma divisão com uma janela com duas "conversadeiras" afrontadas, em pedra e revestidas, em baixo, por silhar de azulejos, pouco elevado, que se prologa pelas restantes paredes destas duas divisões (fig.53). Ainda deste lado, ao fundo, situa-se uma pequena casa de banho. Do lado direito, ficam duas divisões e, ao fundo do corredor, uma porta maciça com ferragens recortadas, que dá acesso à escadaria de serviço e ao piso inferior (fig. 54). Neste corredor podemos perceber os materiais utilizados no revestimento e na decoração destas divisões e do corredor central: madeiras de pinho escurecidas de tonalidades avermelhadas, do tipo "cor de mogno", que se observam no teto e nas portas de caixilhos envidraçadas com bandeira de com duas ordens de vidros, os silhares baixos de azulejos (cerca de 50 cm de altura), de padrão pseudo-geométrico e floral de fitas entrelaçadas, de tonalidades azuis e amarelo sobre fundo branco, e o soalho, de tabua larga, de madeira escurecida (pinho?), que lhe conferem um cunho verdadeiramente ao "gosto português" (fig. 55).

Este corredor dá acesso ao corredor central, do edifício original de 1893 (fig. 56), colocado perpendicularmente e onde se situam as duas principais divisões da casa: do lado esquerdo um compartimento com três janelas, com lareira de pedra (fig. 57) e, mais à frente, o grande salão de forma retangular. Este é dividido, ao centro, por duas portas de duas meias-folhas, com caixilho de vidrinhos que, quando abertas, permitem uma observação desta ampla e mais nobre divisão da casa (fig. 58). É profusamente decorada nas paredes por silhar de azulejos (c. de 120 cm de altura), de padrão geométrico desenhando losangos estreitos ao alto, em azul, sobre fundo branco, que revestem as laterais das duas chaminés que pontificam nesta sala, e que se prolonga pelas laterais e pela frente das chaminés, onde se insere, ao centro, o brasão do Conde de Arnoso encimado por coroa e uma pequena cruz (fig. 59). Este apresenta um leão afrontado apoiado no tronco de uma árvore de copa arredonda, percorrido nas laterais pela inscrição "HERCULEA QUONOM DATA FUERE MANU" (fig. 60). O teto, em forma de caixotão ou masseira, é revestido com tábuas retas com friso moldurado.

Do lado direito apresenta três portas que dão para outras tantas divisões com janela e conversadeiras e o mesmo silhar de azulejos azul sobre fundo branco.

Ao fundo do corredor pequeno vestíbulo, revestido por silhar de azulejos azul e branco desenhando losangos, que dá acesso para a porta exterior de serviço (fig. 61), apresentado, de um e outro lado uma divisão, ambas revestidas por idêntico silhar de azulejos, a do lado esquerdo com duas janelas de canto (fig. 62), que proporcionam uma mais ampla captação da luz.

Todas as divisões deste piso, à exceção do Salão Nobre, hoje constituído por duas salas, uma de estar e outra de jantar, e das casas de banho, são atualmente gabinetes de trabalho da Marcascais.

Como atrás referido o acesso ao piso inferior faz-se através de uma escadaria estreita com finos balaustres em madeira, com dois patamares (com uma abertura de forma piramidal) (figs. 63 e 64), que dá acesso ao corredor central com chão de tijoleira quadrangular. As paredes são pintadas de tonalidades bege-marfim, portas (com bandeira de uma ordem de vidros) e batentes pintados de azul-escuro e rodapé com uma fila de tijoleira a que se sobrepõe outra de azulejos "azul e branco" (fig. 65).

Do lado esquerdo, observa-se o elevador das refeições para o 2º piso, com uma caixa azul com uma manivela (fig. 66) e, ao fundo, apresenta três divisões. Na situada mais à esquerda fica a cozinha, a divisão mais carismática deste 1º piso que mantém a estrutura original revestida de azulejos azul sobre fundo branco, repetindo os de motivos entrelaçados do piso superior, mas, que aqui, desenham quadrifólios e motivos polilobados (fig.67). Apresenta uma janela virada a Nordeste e, do lado esquerdo, uma pia e o lava-louça em pedra de lioz polido, seguido da zona do fogão com chaminé em pedra picada (lio?), com corpo superior saliente, rematado por moldurado igualmente saliente (fig.68). No centro, apresenta uma estrutura de formato quadrangular, servindo de mesa de apoio, pintada de amarelo-torrado, com gavetas e com metade do tampo coberto com pedra de lioz polida e, a outra metade, por madeira.

A partir da cozinha o corredor central dá acesso à porta para o exterior distribuindo, do lado esquerdo, para cinco divisões de diferentes áreas e, do lado direito, para quatro divisões, a última das quais de maiores dimensões. Todos estes espaços apresentam estrutura semelhante com janela, chão em tijoleira e rodapé duplo de tijoleira e azulejo "azul e branco". Estas divisões servem agora de gabinetes de trabalho, de "data center" e de espaço de arquivo ou de arrumação da Marcascais (figs. 69 e 70).

Apesar da Casa S. Bernardo não possuir já o recheio da época em que o Conde de Arnoso e os seus descendentes a habitaram conserva, no entanto, os valores da arquitetura original, desde 1908, altura em que sofreu uma ampliação, e os elementos funcionais e decorativos, que refletem um "gosto português" que marcam também a arquitetura de veraneio, revivalista e eclética em Cascais, do final do século XIX e primeiras décadas do século passado, e que urge conservar e preservar.

Caraterísticas desta tipologia de moradias, elucida-nos Raquel Henriques da Silva, são "Os seus emblemas são os telhados com beirados de dupla telha, as varandas contidas, sustentados por colunas e fechadas com gelsias de madeira, os vãos de pequena dimensão, os registos de azulejo, a cor branca, o fracionamento dos corpos, desmultiplicando as fachadas e as coberturas, os frisos de azulejo e de tijolo caído, debruando os muros, em sequências abertas e refrescantes".²⁸

INTERVENÇÕES

Em 15 de janeiro de 1908 deu entrada nos serviços da Câmara Municipal de Cascais, um processo relativo à ampliação da Casa de S. Bernardo. Tratou-se, em certa medida "de uma outra moradia", de formato quadrangular encostada ao lado esquerdo da frente do edifício, construído em 1893 pelo Conde de Arnoso. Este volume seguiu os mesmos cânones formais e decorativos utilizando as mesmas técnicas e os mesmos materiais de construção²⁹.

Em 1998, no "ACORDO DE INTENÇÕES E TRANSMISSÃO DO DIREITO DE USO PRIVATIVO", refere-se que os "HERDEIROS DE MATILDE MUNRÓ DOS ANJOS [segunda esposa do Conde de Arnoso], são titulares da Licença nº 11/94 (Anexo nº 1)³⁰, pela qual lhes é atribuído o direito de uso privativo exclusivo de um terreno, sito em Santa Marta, freguesia e Concelho de Cascais, integrado no domínio público marítimo, com vista à manutenção do mesmo de uma casa de habitação, denominada Casa de S. Bernardo inscrita na matriz predial sob o artigo 942 e de ora em diante designada INSTALAÇÕES (...)".³¹ No referido acordo os "HERDEIROS ou quem estes indicarem, transmitem à

²⁸ Raquel Henriques da Silva, *Arquitetura de Veraneio na Vila de Cascais*, Vol. 4, 1870-1920, p. 22, In: *Roteiro do Património de Cascais*

²⁹ Vide processo de ampliação da Casa de S. Bernardo de 1908. AHMC/AADL-CMC/L-E/001-003/1169 [15 de janeiro de 1908]

³⁰ Licença emitida pelo Parque Natural Sintra-Cascais, em 25 de agosto de 1994.

³¹ Acordo de Intenções e Transmissão do direito de uso privativo - Marcascais. Sociedade Concessionária da Marina de Cascais, S.A., e os Herdeiros de Matilde Munró dos Anjos (segunda esposa de Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1º Conde de Arnoso), o Município de Cascais e o Instituto de Conservação da Natureza/Parque Natural Sintra- Cascais", de 23 de outubro de 1998. CONSIDERANDO B).

MARCASCAIS, no estado em que se encontram e livres de quaisquer ónus ou encargos ou responsabilidades, designadamente fiscais e, totalmente devolutas de quaisquer pessoas e bens, e esta adquire as INSTALAÇÕES – e a titularidade da licença nº 11/94 (...)”.³²

No referido acordo refere-se ainda que as citadas instalações “(...) se destinam à sede social e escritórios da Marcascais (clausula Terceira, alínea d), “sendo que a referida licença e as suas renovações caducarão com o termo da mesma - e/ou no decurso do prazo da Concessão. A qual não excederá em caso algum 75 anos a contar de 21 de setembro de 1995 - data essa em que a referida licença e as INSTALAÇÕES que tem por objecto se transmitirá gratuitamente a favor do Município de Cascais”.³³

Em 1999 a Marcascais procedeu à adaptação da casa a edifício de escritórios da administração da Marcascais, Sociedade Concessionária da Marina de Cascais, S.A, com remodelação do interior, tratamento de rebocos e pintura do exterior e tratamento de caixilharia.

8. CARACTERIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

8.1 Tipo de sítio: _____

8.2 Período cronológico: _____

9. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Ferreira de (1964) - *Cascais, Vila de Corte: Oito Séculos de História*. Cascais: Câmara Municipal.
- BARRUNCHO, Pedro, *História de Cascais e do seu concelho*, Lisboa, Typografia Universal, 1873
- BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970-Sociedade. Arquitetura e Urbanismo*, Lisboa. Vol. I, Universidade Nova de Lisboa, 2003
- COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria (1999) - *Memórias da Linha de Cascais*. [s. l.]: Câmara Municipal de Cascais/Câmara Municipal de Oeiras. Edição fac-similada.
- Exposição Patrimónios de Cascais, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2003
- FALCÃO, Pedro, *Cascais Menino*, Tipografia Cardim. 1981, Vol. III.
- HENRIQUES, João Miguel - *História da Freguesia de Cascais, 1870-1908*. Ed. Colibri / CMC. 2004
- Henriques, João Miguel Henriques, *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol*, Fundação, Desenvolvimento e

³² Ibidem, Cláusula Primeira - UM.

³³ Ibidem, clausula terceira, alínea g, podendo o contrato, de acordo com a informação da Marcascais, ser prorrogado por mais 24 anos.

Afirmção de uma Estância Turística, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2011

- Meco, José Meco, "Da Casa dos Azulejos" aos azulejos de Cascais, in Monumentos, nº 31, Lisboa, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2011
- SILVA, Raquel Henriques da - *Cascais*, Ed. Presença 1ª ed., 1988.
- SILVA, Raquel Henriques da - *Arquitectura de veraneio: Cascais*. Cascais : Câmara Municipal, D.L. 2010. 77, [6] p.. ISBN 978-972-637-227-1
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. II, Lisboa, 1990
- NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL, Lisboa, Lisboa, Edições Zairol, Lda, 2000, 3 vols.- vol.2, pp.319 e 321.

Webgrafia:

- Casa de S. Bernardo-incluindo muralhas defensivas da Cidadela.
<https://inventariobensculturais.cascais.pt/ficha.aspx?id=4252&ns=215000&Lang=po&c=Patrim%F3nio%20Im%F3vel&IPR=6209> [Consulta 2024-02-19]
- Casa dos Condes de Arnoso/Casa de São Bernardo
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22907[Consulta 2024-02-20]
- A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal.1870-1970
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/21629/1/vol%201.pdf> [consulta em 2024-02-26]
- <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb>

Fontes arquivísticas:

- Processo de construção, datado de 1893. PT/CMCS-AHMC/AADL-CMC/L-E/001-003/634 [5 de outubro de 1893]
- Processo de Ampliação, datado de 1908. PT/CMCS-AHMC/AADL-CMC/L-E/001-003/1169 [15 de janeiro de 1908]

Periódicos:

- Diário de Notícias, 14 de Outubro de 1898

Outras fontes:

- ACORDO DE INTENÇÕES E TRANSMISSÃO DO DIREITO DE USO PRIVATIVO - Marcascais. Sociedade Concessionária da Marina de Cascais, S.A. e os Herdeiros de Matilde Munró dos Anjos [segunda esposa de Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1º Conde de Arnoso], o Município de Cascais e o Instituto de Conservação da Natureza/Parque Natural Sintra- Cascais”, de 23 de outubro de 1998. Uma cópia deste documento está na posse da Marcascais.

10. ELEMENTOS CARTOGRÁFICOS E FOTOGRÁFICOS (anexos)*



Planta de localização com o imóvel assinalado

Escala: 1:1000 1:5000 1:25000

Documentação fotográfica

Interior Exterior Envolvente

X	Y	Z	Datum	Projeção



Longitude **Latitude** **Altitude** **Datum** **Projeção**

-9,420845 38,691983

11. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE:

11.1 Proponente: Câmara Municipal de Cascais | Contacto: 21 482 5000

11.2 Preenchido por: José António Proença – Departamento de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico | Contacto: 21 4814345 | Data: 26 de março de 2024

Recebido por:

Em: ____/____/____

**Processo de classificação
da
CASA DE S. BERNARDO**

**Avenida Rei Humberto II de Itália, nº 235
União das freguesias de Cascais e Estoril – Cascais**



**Anexo 1
Documentação Fotográfica**



Fig. 1 - Fachada Principal



Fig. 2 - Fachada Sudoeste - março de 2023

CASCAIS. Canal Sta. Marta (Ribeira do Mocho).



Fig. 3 - Casa de S. Bernardo e Cidadela, junto à Praia de Santa Marta em Cascais, 1910.

PT/CMCSC-AHMCS/AESP/CJSF/A/CAS 147

2271 — CASCAES — PORTUGAL — Canal de S.^{ta} Martha

Vivendas:

Condes de
Castro Guimarães

Condes
d'Arnoso



Fig. 4 - Ponte e Canal de Santa Marta, Casa de Santa Maria, Torre de S. Sebastião e Casa de S. Bernardo, em Cascais, 1910. *PT/CMCSC-AHMCS/AESP/CMBP/220*

CASCAIS. Praia Sta. Marta.



Fig. 5 - Casa de S. Bernardo, junto à Praia de Santa Marta, em Cascais, envolta por muralha com guarita, 1910.

PT/CMCSC-AHMCSC/AESP/CJSF/A/CAS 098

33



Fig. 6 - Casa de Santa Maria e Canal de Santa Marta. Fevereiro de 2024



Fig. 7 - Cidadela de Cascais. Nascente



Fig. 8 – Centro Cultural de Cascais (antigo Convento de N^a S^a da Piedade. Fevereiro de 2024

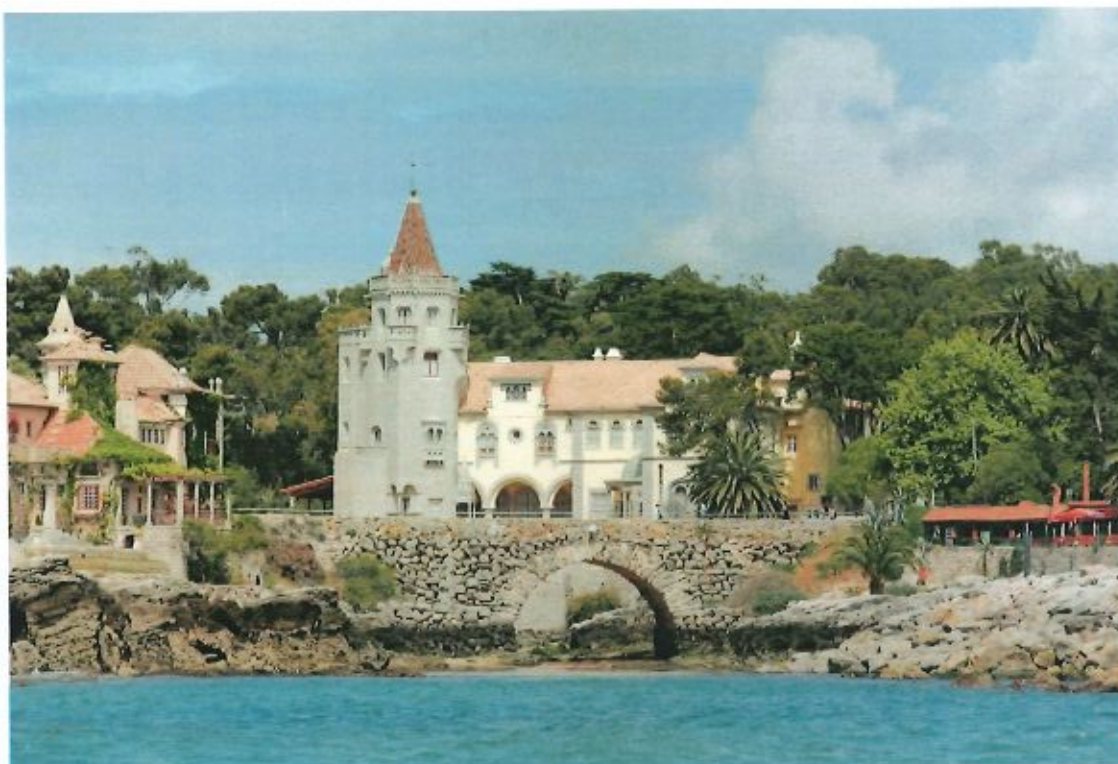


Fig. 9 - Museu Condes de Castro Guimarães (antiga Torre de S. Sebastião). Fevereiro de 2024



Figs. 10 e 10-A – Palácio dos Duques de Palmela (1870-1900). Entrada principal e fachada Sul



Fig. 11 - *Chalet Leitão* (1896). Avenida D. Carlos I



Fig. 12 - *Casa Trindade Baptista* (1899). Avenida D. Carlos I



Fig. 13 - Casa Sommer (1890-1900)



Fig. 14 - Palacete Duque de Loulé, 1873



Fig. 15 - Vivenda de Santa Maria. Cascais



Fig. 16 - Vila D. Pedro (Casa Maria Amália Vaz de Carvalho) – 1903



Fig. 17 - 1º Conde de Arroso - 1886



Fig. 18 - Multidão junto à estação do caminho-de-ferro de Cascais, eventualmente para saudar a Família Real. Ao fundo, Casa Faial -1900. PT/CMCSC-AHMCSC/AESP/CJSF/A/CAS 009



Fig. 19 - Praia dos Pescadores (ou Praia da Ribeira) e Casino da Praia, 1900.
PT/CMCSC-AHMCSC/AFTG/CAM/A/01131

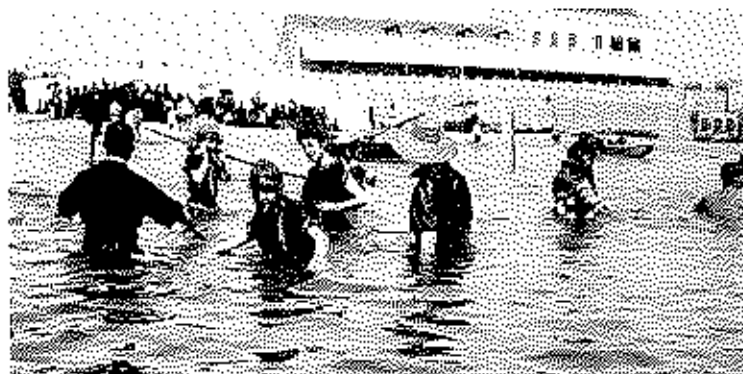


Fig. 20 - Banhistas na Praia da Ribeira, de 1900 -
PT/CMCSC-AHMCSC/AFTG/CAM/A/00070



Fig. 20-A -Banhistas na Praia da Ribeira, por ocasião de
regata.
1900 -PT/CMCSC AHMCSC/AFTG/CAM/A/00947

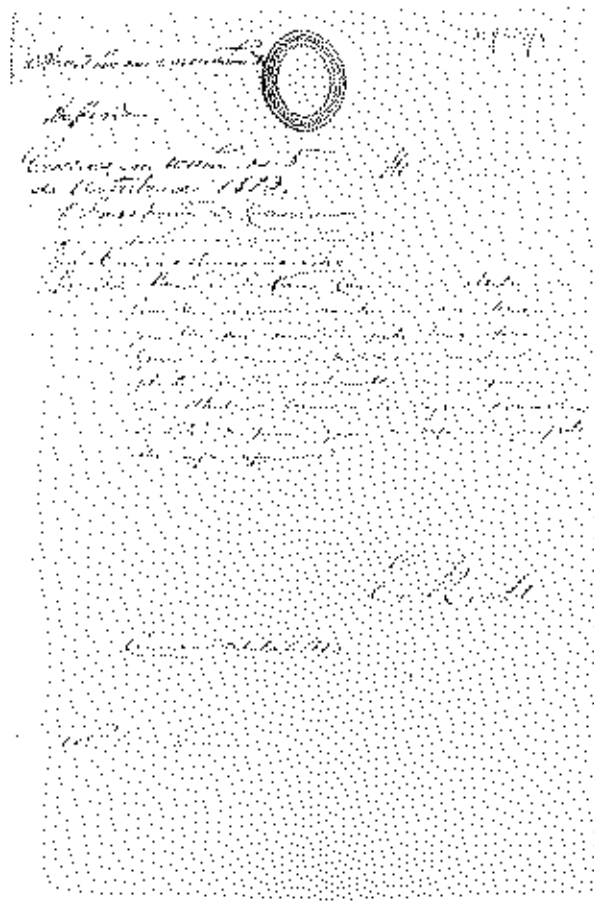


Fig. 21 - Processo de obra particular para construção de casa. PT/CMCSC-AHMCSC/AADL/CMC/L-E/001-003/0634

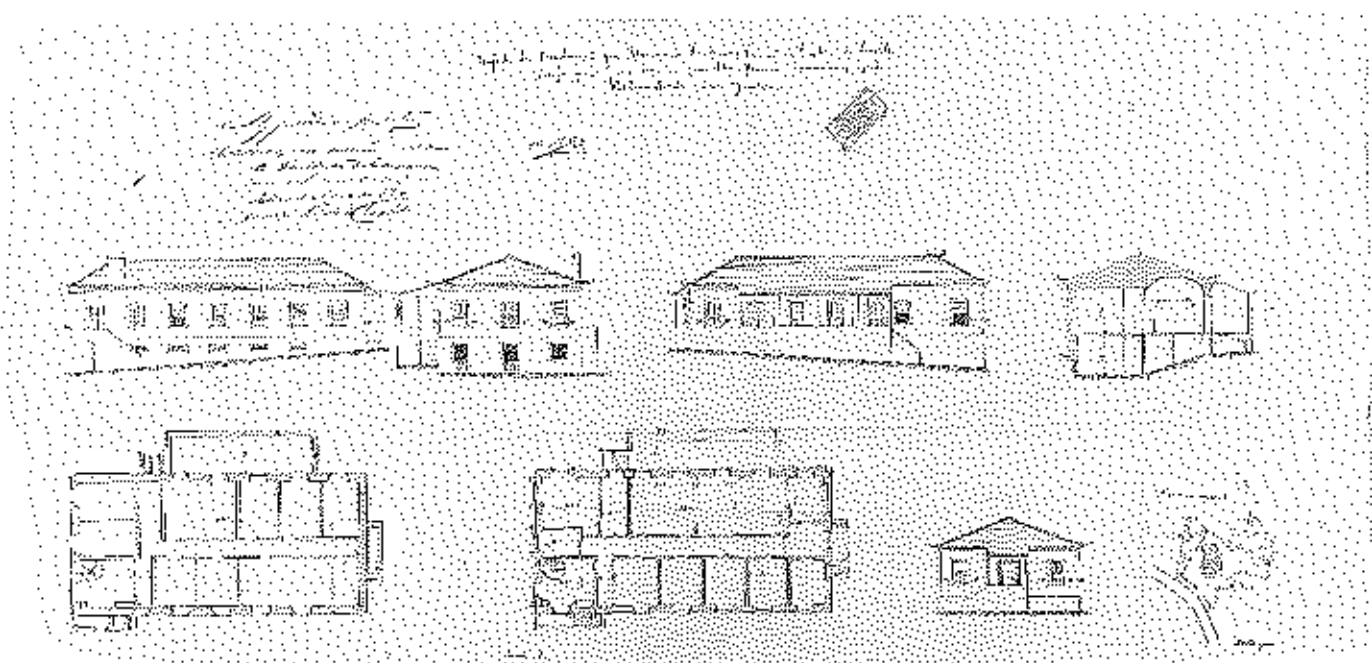


Fig. 22 -- Projeto de obra particular para construção de casa. 1893, PT/CMCSC-AHMCSC/AADL/CMC/L-E/001-003/0634



Fig. 23 – Passeio a cavalo com a Rainha D. Amélia e o Conde de Arnoso na Avenida D. Carlos I. Ao fundo Casino da Praia e Praia da Ribeira, em Cascais (1900). PT/CMCSC-AHMCSC/AFTG/CAM/B/05078 CX 021



Fig. 24 - Processo de obra particular para ampliação de casa, 15-01-1908. L,,E__001_003_1169_001v

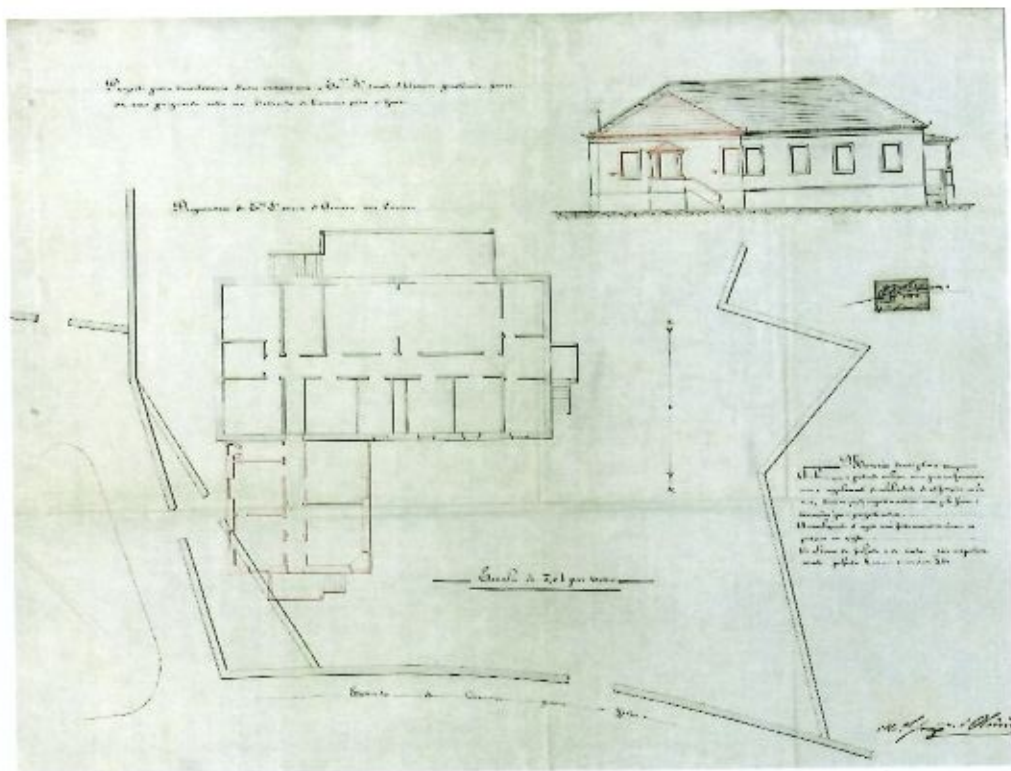


Fig. 25- Projeto de obra particular para ampliação de casa. 1908, L_E_001_003_1169_002



Figs. 26, 27 e 28 - Painéis de azulejos com barco (caiique) - Terraço alpendrado (desenho de D. Carlos). Fevereiro de 2024

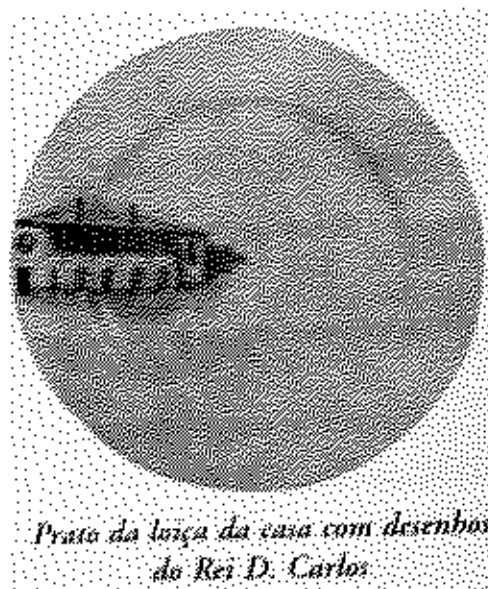


Fig. 29 - Prato com desenho da Casa de S. Bernardo
In: FALCÃO, Pedro, *Cascais Menino*, 2005, p. 504



Fig. 30 - D. Carlos I na Casa de S. Bernardo
In: FALCÃO, Pedro, *Cascais Menino*, 2005, p. 505

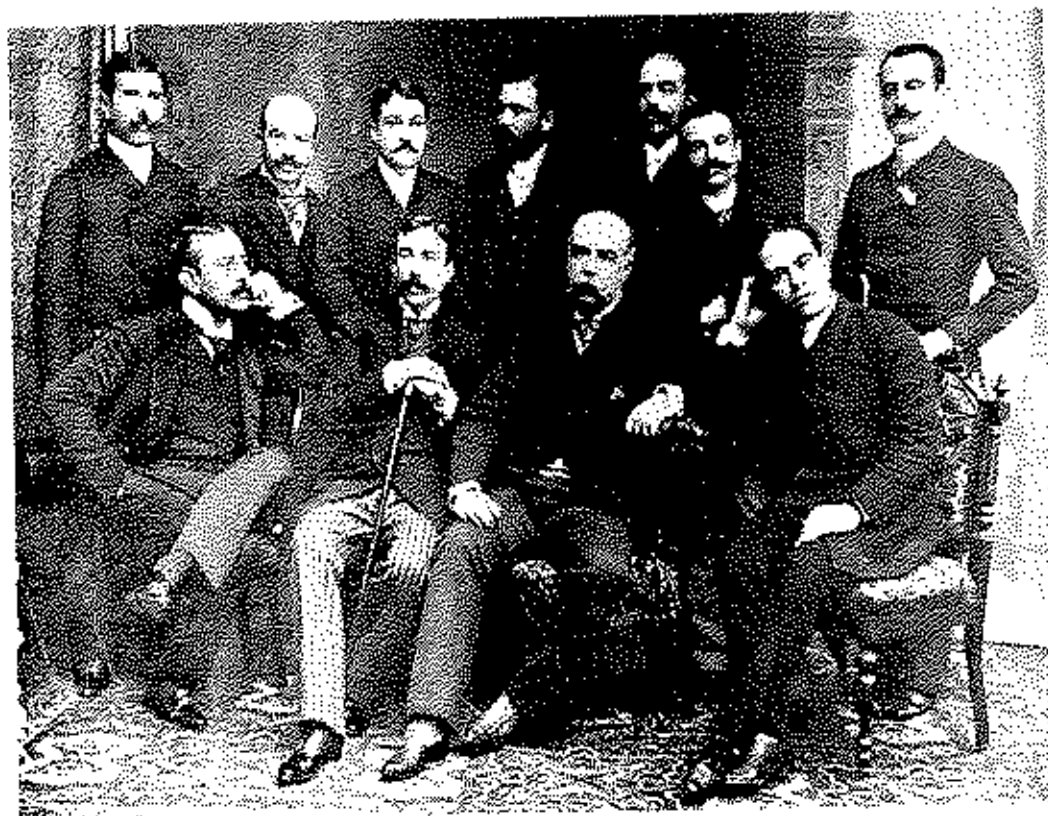
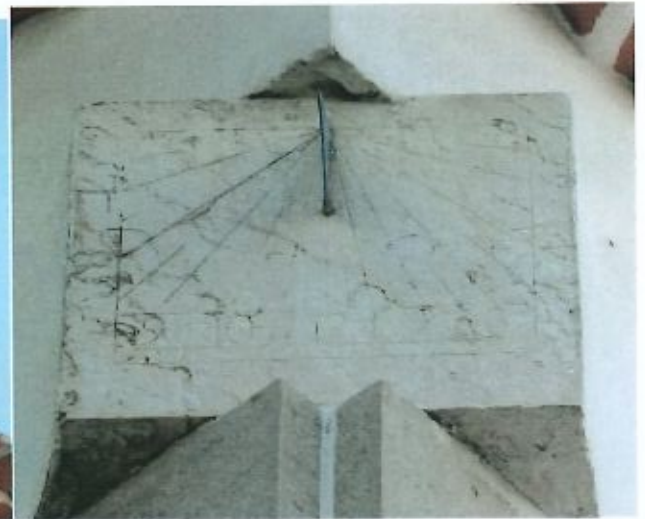


Fig. 31 - "Vencedores da Vida" - Da esquerda para a direita. De pé: Conde de Sabugosa, Carlos de Lima Mayer, Carlos Lobo de Ávila, Oliveira Martins, Luís de Soveral, Guesta Junqueiro, CONDE DE ARNOSO
Sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Conde de Ficalho e António Cândido.



Fig. 32 - Casa de S. Bernardo, fachada Sudeste, 1895. [Coleção Particular]



Figs. 33 e 33-A - Casa de S. Bernardo. Relógio de Sol - "1894". Fevereiro de 2024



Fig. 34 - Casa de S. Bernardo. Fachada Sudoeste e poço com roldana. Fevereiro de 2024



Fig. 35 - Casa de S. Bernardo, fachada Noroeste. Fevereiro de 2024



Fig. 36 – Fachada Noroeste. Floreiras e painel de azulejos com duas naus. Fevereiro de 2024



Fig. 37 - Painel de azulejos representando Santa Mathilde. Fevereiro de 2024



Fig. 38. Fachada a Noroeste. Entrada Principal. Fevereiro de 2024



Fig. 39. Painel de Azulejos. S. Francisco de Borgia e S. João Baptista. Fevereiro de 2024



Fig. 40 - Fachada Sudoeste. Fevereiro de 2024



Figs. 41 e 42 - Painéis de azulejos. S. Bernardo e "O Coração de Jesus está connosco". Fevereiro de 2024



Figs. 43 e 44 - Fachada Sudeste, terraço com alpendre e painéis de azulejos. Fevereiro de 2024



Fig. 45. Figura de "Adamastor" em pedra. Fevereiro de 2024



Fig. 46 - Fachada Nordeste. Fevereiro de 2024



47 - Casa de S. Bernardo (fachada Nordeste/Noroeste). Fevereiro de 2024



Fig. 48 - Aspeto do jardim com bancos e mesa de pedra. Fevereiro de 2024

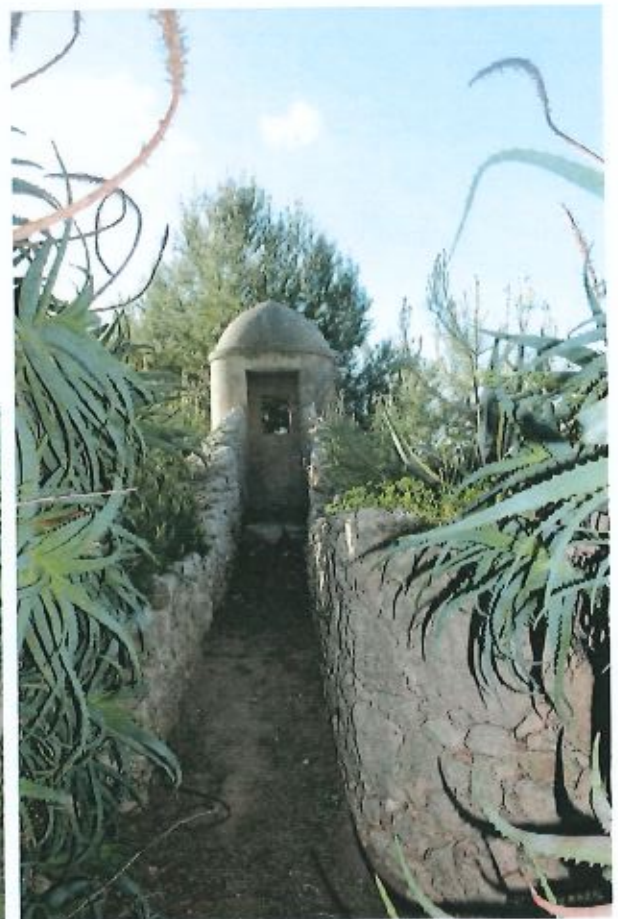


Fig. 49- Muralha (restos) com guarita. Fevereiro de 2024



Fig. 50. - Entrada principal, escadaria alpendrada. Fevereiro de 2024



Fig. 51 - 2º piso. Vestíbulo da entrada com estrutura geométrica em madeira. Fevereiro de 2024



Fig. 52 - 2º piso. Porta do vestíbulo de entrada



Fig.53 - 2º piso. Janela com conversadeiras



Fig. 54 - 2º piso. Porta interior - fevereiro de 2024



Fig. 55- 2º piso. Corredor da entrada. Fevereiro de 2024

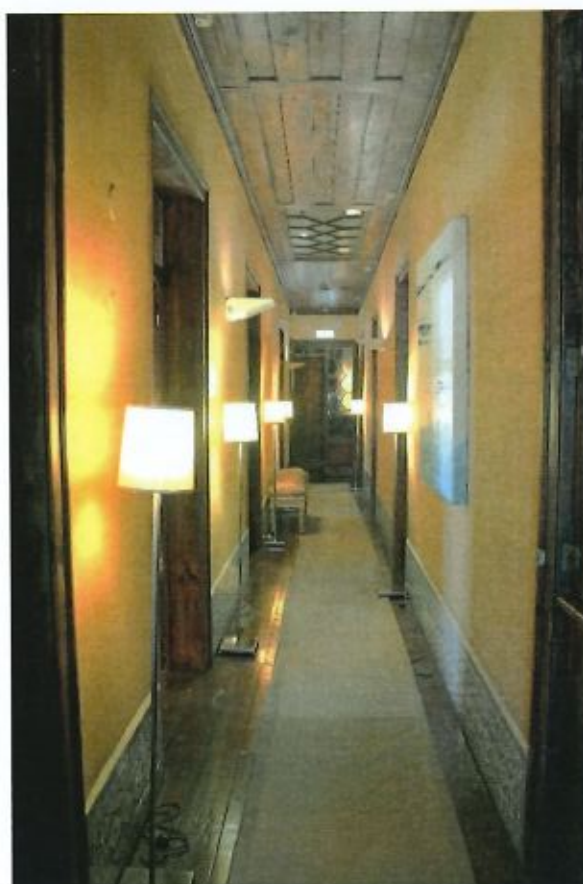


Fig. 56 - 2º piso. Corredor do salão. Fevereiro de 2024



Fig. 57 - 2º piso - Gabinete com lareira. Fevereiro de 2024



Fig. 58 - 2º piso – Salão - lado sala de estar. Fevereiro de 2024



Fig.59 - 2º piso - Salão - lado sala de jantar. Fevereiro de 2024



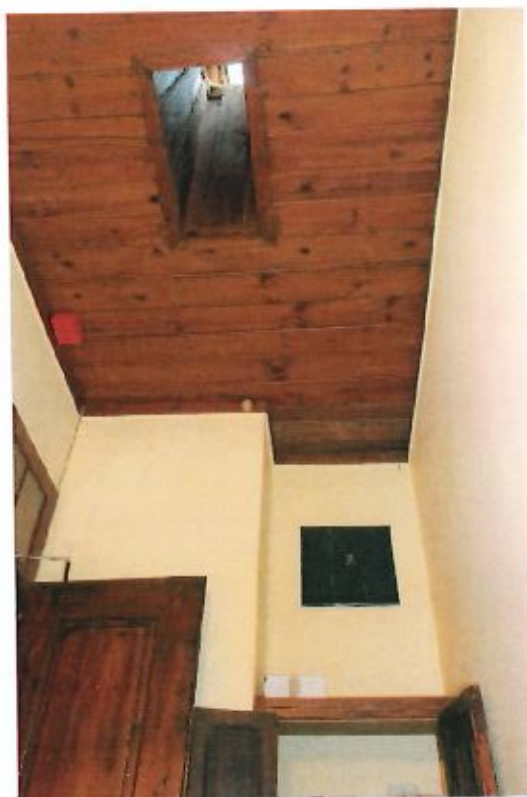
Fig.60 -2º piso - Brasão do Conde de Arnoso



Fig. 61 - 2º piso - Porta de saída. Fevereiro de 2024



Fig. 62- 2º Piso - Gabinete com duas janelas de canto. Fevereiro de 2024



Figs. 63 e 64 – 2º piso – Escada de serviço. Fevereiro de 2024



Fig. 65 -1º piso - corredor. Fevereiro de 2024



Fig. 66 - 1º piso - Caixa do elevador das refeições. Fevereiro de 2024



Fig. 67 -1º piso - Cozinha. Fevereiro de 2024



Fig. 68 -1º piso – Cozinha/fogão. Fevereiro de 2024



Figs. 69 e 70 – 1º piso- gabinetes de trabalho. Fevereiro de 2024

